

TEORIA E PRÁTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: OS PCN E A REALIDADE ESCOLAR

Sandra da Silva Santos Bastos (UERJ)
sandra_poesia@yahoo.com.br

1. Introdução

O papel do ensino de língua portuguesa nas escolas tem sido muito discutido e tal discussão não é recente, mas contínua. A valorização do ensino da língua através da leitura e produção de texto é considerada por muitos educadores como o melhor caminho para alcançar o que se espera do ensino de português na escola: que o aluno aprenda, no mínimo, a ler e escrever com proficiência.

Contudo, temos visto estudantes que concluem o Ensino Fundamental e até mesmo toda a Educação Básica sem que tenham desenvolvido tais competências, são os chamados analfabetos funcionais. Tais pessoas encontram dificuldade para dar prosseguimento aos seus estudos ou mesmo para conseguir um emprego, pois não dominam a língua escrita e, muitas vezes, não conseguem adequar seu discurso a uma situação formal, e não raro, apresentam dificuldades para elaborar um discurso qualquer. Diante desse quadro, nos perguntamos: Por que, após doze anos de aulas de português, não se consegue ser proficiente em sua própria língua?

Este trabalho surgiu destes questionamentos e o que será apresentado aqui é apenas o início de uma pesquisa que começou a ser realizada no município de Itaguaí. A escolha deste município se deve, principalmente, à convivência com alunos egressos do Ensino Fundamental da rede pública, na unidade descentralizada do CEFET/RJ, a UnED – Itaguaí. Esses alunos, em sua maioria, ingressam no curso Técnico em Mecânica desta instituição por meio de um convênio com a Prefeitura de Itaguaí, a qual, até o momento da pesquisa, se responsabilizava pela seleção dos discentes de melhor rendimento na rede pública de ensino e que tinham o desejo de fazer o curso.

Nossa pesquisa tem como objetivo principal conscientizar professores e alunos das escolas públicas do município de Itaguaí da importância da prática da leitura e produção textual na escola, tanto para a vida escolar quanto para o exercício da cidadania. Buscamos difundir a ideia

de que a verdadeira mudança no ensino de língua portuguesa não está em melhorar os métodos e técnicas para ensinar o que se tem ensinado, mas

na escolha do objeto de ensino, a língua, que se materializa no texto enquanto discurso oral e escrito, percebendo as ações que os sujeitos realizam com a linguagem: avaliar, persuadir, informar, divertir, convencer, doutrinar, seduzir etc. (PORTO, 2009, p. 13).

2. Os PCN e o ensino de língua portuguesa

No final da década de 1990, vimos os questionamentos sobre o ensino da língua materna serem “materializados” nos parâmetros curriculares nacionais. Estes foram elaborados com a finalidade de

constituir[em]-se em referência para as discussões curriculares da área - em curso há vários anos em muitos estados e municípios - e contribuir[em] com técnicos e professores no processo de revisão e elaboração de propostas didáticas (PCN, 1998).

Os PCN apontam o texto como o objetivo central do ensino de língua portuguesa e afirmam que “o aluno deve ser considerado como produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano” (PCN, 2000). No entanto, tais parâmetros não foram bem recebidos por todos os educadores e muitos daqueles que festejaram a sua publicação acabaram não conseguindo transformar a teoria em prática na sala de aula.

Os PCN rejeitam o ensino gramatical descontextualizado, que pouco significa para os nossos alunos, tal como ainda persiste em muitas escolas de nosso país. Este ensino “gramatiquero” pouco contribui para a aprendizagem de língua portuguesa e é desestimulante para os alunos, que acreditam não saber o “português”, uma vez que não conseguem dar conta de todas as nomenclaturas e regras ortográficas, entre outras exigências deste tipo abordagem da língua. Segundo os PCN (2008),

não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos - letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases - que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto.

Se o texto é a unidade básica do ensino, por que o trabalho de leitura e produção tem sido deixado para segundo plano nas aulas de língua portuguesa? Como seria possível ao aluno aprender a escrever com proficiência a partir de um ensino compartimentado da língua?

Segundo Koch (2002, p. 2), “a maior ‘novidade’ no ensino de língua materna – se realmente o for – é o deslocamento que se vem operando já há alguns anos do foco na gramática normativa para o foco no texto”. E quando se refere a texto, não quer dizer apenas o texto “engomado”, formal, dentro dos padrões da norma culta, mas num sentido amplo, como definido nos PCN: “produto da atividade verbal oral ou escrita que forma um todo significativo e acabado, qualquer que seja a sua extensão”. Dessa forma, a escola precisa capacitar o aluno a ser produtor e leitor de textos, em sua diversidade, como circulam socialmente.

O ensino de língua portuguesa proposto pelos PCN baseia-se, entre outros, nos estudos da linguística textual, que começaram a se desenvolver na Europa na década de 60, e ganharam projeção nas décadas seguintes. Este ramo da linguística, que se preocupou inicialmente com a descrição de fenômenos sintático-semânticos e depois, sob forte influência dos estudos gerativistas e estruturalistas, criou as gramáticas textuais, desenvolveu, na década de 80, as teorias do texto (KOCH, 2003). Essas teorias tomam o texto como um processo que resulta de questões socio-cognitivas, interacionais, comunicativas e não mais como um produto acabado, levando em consideração um exame do contexto, ou seja, das condições de produção, recepção e interpretação dos textos.

3. O ensino de língua portuguesa nas escolas públicas do município de Itaguaí

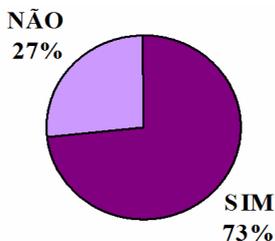
Registraremos aqui a pesquisa que foi realizada com os alunos do curso Técnico em Mecânica do CEFET/RJ em Itaguaí, a qual marca o início do nosso trabalho. Certamente, tal pesquisa inicial não é suficiente para que cheguemos a qualquer conclusão sobre o ensino de língua neste município, mas será utilizada como um orientador para que possamos direcionar nosso trabalho. Foram ouvidos oitenta e oito alunos, de três turmas diferentes, cuja maioria cursa o primeiro ou segundo ano do Ensino Médio. Todos preencheram o formulário que se encontra em anexo.

Resolvemos consultar, primeiramente, os alunos, porque entendemos que eles, embora sendo importantes agentes no processo de ensino-aprendizagem, costumam ser excluídos das discussões sobre tal processo. A pesquisa foi feita após o período das aulas e foi informado o seu caráter voluntário e, mesmo assim, a maioria dos alunos permaneceu em sala até o final da pesquisa.

Dos oitenta e oito alunos entrevistados, oitenta e dois são alunos de escolas estaduais em Itaguaí. Todos os participantes foram informados de que deveriam preencher o formulário de acordo com a realidade das aulas de língua portuguesa da escola em que cursam o Ensino Médio – vale ressaltar que houve algumas alterações no formulário conforme sugestões dos próprios alunos. Foi esclarecido que não constaria identificação do participante no formulário.

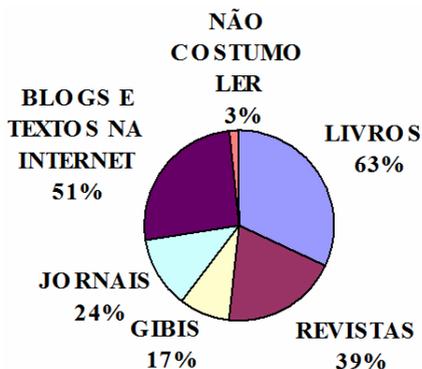
Criamos gráficos para mostrar o percentual das respostas dadas pelos alunos a cada pergunta do questionário. Abaixo de cada gráfico, fazemos um breve comentário sobre cada um deles.

Questão 1 - Você gosta de ler?



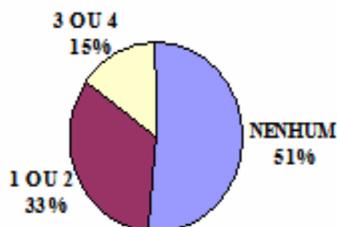
A maioria dos alunos respondeu que gosta de ler, certamente, porque muitos acreditavam que essa seria a resposta mais esperada, embora tenhamos reforçado a necessidade de que suas respostas estivessem de acordo com a sua própria experiência.

Questão 2 - O que você costuma ler?



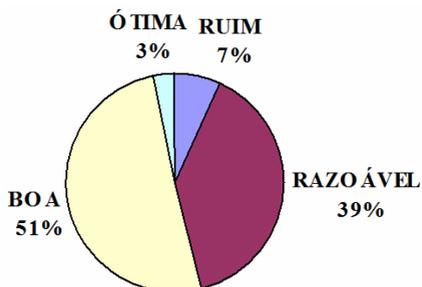
Apenas dois alunos disseram não ter o hábito de leitura. Quando interrogados sobre quais livros gostavam de ler, muitos responderam que gostam de livros estrangeiros, principalmente de ficção científica, pois, segundo eles, “os livros brasileiros geralmente são chatos” e, neste caso, faziam referência a livros clássicos da literatura nacional, como os de José de Alencar.

Questão 3 – Quantos livros não didáticos são trabalhados em classe, em média, durante o ano letivo?



Muitos alunos disseram não haver trabalho com quaisquer livros na escola, a não ser com o livro didático. Aqueles que disseram haver trabalhos com livros, explicaram que tal trabalho, geralmente, é um questionário com resumo (e que muitos “pegam” na internet, como afirmaram). Os alunos mostraram-se “chateados” pelo fato de nunca poderem participar da escolha dos livros e de os mesmos não serem lidos em sala. Reclamaram da linguagem dos livros, que, segundo eles, é sempre antiga e muito difícil.

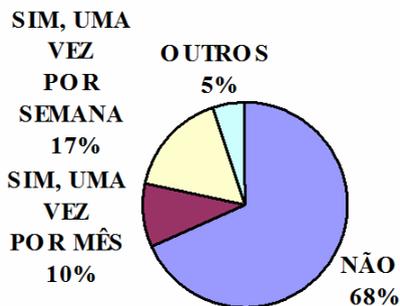
Questão 4 - Analisando sua escrita, você diria que ela é:



Num primeiro momento, eles entenderam que uma “boa escrita” seria escrever com poucos “erros” gramaticais e não levaram em consi-

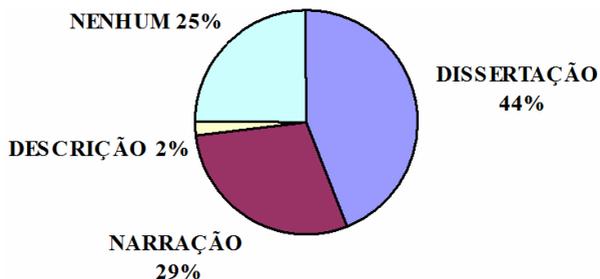
deração as competências discursivas, que era o ponto principal na questão.

Questão 5 - Nas aulas de língua portuguesa em sua escola, há (havia) um tempo reservado especificamente para a produção de texto?



Algumas escolas dos alunos entrevistados possuem, na teoria, um tempo específico para produção de texto, porém tais alunos afirmaram que o professor utilizava o tempo para fazer outras atividades enquanto “mandava” que os alunos lessem um texto em silêncio e respondessem algumas perguntas do livro didático. Esses alunos, então, ficaram em dúvida se marcariam “não” ou “sim, uma vez por semana”. Vale ressaltar, ainda, que os alunos que marcaram “outros” estavam se referindo a redações que os professores os mandavam fazer nas provas, mesmo não havendo aula de produção de texto.

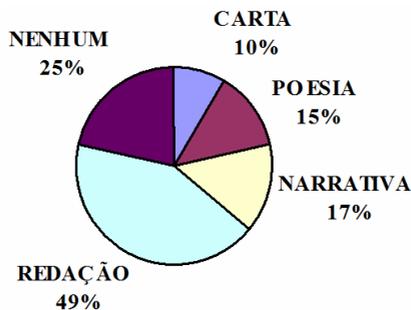
Questão 6 - Qual o tipo textual mais trabalhado nas aulas de português?



A princípio, os alunos tiveram muita dificuldade para responder esta questão, pois confundiam os tipos textuais, principalmente “Dissertação” e “Descrição”. Nesta questão, surgiu a dúvida de um aluno: “O

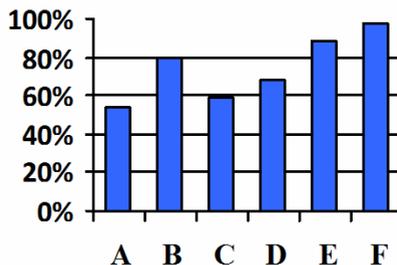
que marcar se nenhum dos tipos for trabalhado nas aulas?”. A dúvida desse aluno foi compartilhada por outros colegas, então, foi sugerido que se incluísse a opção “nenhum” e assim fizemos.

Questão 7 - Durante o ano letivo, são textos produzidos pelos alunos:



Nesta questão, foram sugeridas algumas mudanças: a retirada das opções “convite” e “conto” – a maioria dos entrevistados não sabia o que era um conto – e a inclusão das opções “narrativas”, “redação” e “nenhum”. O interessante é que eles identificaram a “redação” – neste caso, a argumentativa - como um tipo específico de texto. Alguns alunos disseram que não gostavam de fazer tais redações, porque o professor não as corrigia, mas simplesmente lhes atribuía uma nota.

Questão 8 - Muitos professores se queixam de problemas que dificultam a realização das aulas de produção de texto na escola. De acordo com sua opinião e sua experiência como aluno, classifique cada dificuldade numa escala de 0 (caso não exista) a 5.



O resultado desta questão é o que mais nos surpreende: quase 100% dos alunos entrevistados acreditam que o desinteresse deles é o

principal obstáculos às aulas de produção de texto na escola, atribuindo nota 4 ou 5. Em seguida, a indisciplina da turma e a falta de tempo dos professores aparecem como os grandes empecilhos para o trabalho com textos na escola.

4. Considerações acerca da pesquisa e do ensino de língua portuguesa

A partir das informações obtidas através das respostas ao questionário e também das conversas com os alunos entrevistados, percebemos que a leitura e a produção de textos não têm sido muito trabalhadas nas escolas em que os participantes da pesquisa estudam e, além disso, que não havido discussões entre professores e alunos sobre este tema. Em grande parte dessas escolas, o ensino de língua portuguesa ainda está preso ao ensino da gramática, totalmente descontextualizado e difícil de ser entendido pelos alunos, que decoram nomes e regras sem saber onde, como e quando utilizá-los.

Não estamos propondo que não se ensine gramática na escola, pois precisamos de conhecimento da ortografia, do léxico da língua, da pontuação, entre outros, que aprendemos nas práticas comunicativas e, de forma sistematizada, na escola (KOCK; ELIAS, 2011). Sabemos, no entanto, que focar o ensino somente na gramática normativa não faz com que o aluno aprenda a produzir textos.

Como pudemos constatar, mais de a metade dos alunos disseram ter o hábito de ler *blogs* e textos na internet, textos esses que geralmente são ignorados pelo professor de língua portuguesa, o qual insiste na ideia de que a única leitura válida é do que considera “boa literatura”. Realmente, é preciso ler os clássicos, no entanto, acreditamos que o gosto pela leitura deva nascer do que dá prazer, começando pelo que já é conhecido para chegar aonde se pretende.

É preciso estar receptível ao que aluno tem a nos oferecer, sem conceitos pré-definidos. Às vezes, falta ao professor falar a linguagem dos seus alunos. “E se, em vez de *exigir a leitura*, o professor decidisse de repente *partilhar* sua própria felicidade de ler?” (PENNAC, 2011, p. 73). Talvez essa seja uma forma de incentivar a leitura.

As respostas obtidas na terceira questão mostram uma realidade negativa em relação ao trabalho com a leitura em sala de aula. Esse trabalho ou não existe ou, quando existe, é deficitário. Se o professor quer

que o aluno leia, por que não fazê-lo também em suas aulas, por que não reservar um espaço para a leitura em sala, em voz alta, levantando discussões sobre a leitura? Seria ela menos importante do que as aulas de gramática?

De acordo com os alunos, o gênero mais trabalhado em suas escolas é a redação. Mas o que é a redação? Para Geraldi (2003), a redação é o texto produzido na escola para a própria escola, ou seja, é um tipo de produção que tem como principal característica a artificialidade. O aluno precisa ter uma razão para dizer e meios para fazê-lo, além de ter para quem dizer. Se a única motivação para escrever for tirar uma boa nota, então, o aluno que não se preocupar com suas notas, não terá razão para escrever.

A seguir, transcrevemos alguns trechos dos textos produzidos, voluntariamente, pelos alunos entrevistados. A proposta para a produção de texto foi a de que os alunos expusessem suas opiniões acerca da importância da leitura e produção textual nas aulas de Língua portuguesa.

Texto 1

Ler não é apenas passar de uma página à outra, mas também se integrar ao que se ler, sentir a força de cada palavra lida, ver através dos olhos dos personagens.

A leitura nas escolas deveria ser considerada muito importante, os professores deveriam incentivar os alunos a lerem pelo menos 2 a 3 livros por ano. No começo pode até ser um pouco complicado começar a leitura de um livro para quem não tem o hábito de ler. Mas escolher um livro que goste é um bom começo. Há vários livros, revistas, HQ, entre outros, que muitos gostam de ler.”

Texto 2

A prática de leitura dos livros não só ajuda os alunos a aprenderem a escrever, mas a falar. O que ocorre é que isso infelizmente não está sendo devidamente implantado nas unidades de ensino, onde se aprende, e se é influenciado.

Nos trechos acima, os alunos expressam, de fato, sua opinião sobre o tema, por isso podemos dizer que eles produziram um texto e não apenas uma redação. O texto 1, mostra um aluno que parece gostar de ler e que se preocupa com a falta de leitura na escola, no entanto, de acordo

com suas respostas ao questionário, constatamos que não há qualquer trabalho com leitura ou produção de texto em sua escola. Além de expressar sua opinião sobre o tema, o aluno ainda dá sugestões de como incentivar a leitura na escola.

No texto 2, o aluno faz uma denúncia a respeito de sua escola e mostra certa frustração com o que ela lhe tem oferecido. Quando ele diz que na escola “se aprende, e se é influenciado”, podemos perceber o “peso” que esta tem na vida desse aluno e o quanto ele espera dela.

Texto 3

O ensino da Língua Portuguesa nas escolas é realmente classificado em duas partes, uma delas é a produção de texto e a outra parte está relacionada a classificação de palavras.

Destacamos esse trecho para mostrar como a divisão feita nas aulas de português é percebida pelos alunos. O aluno dividiu as aulas de língua portuguesa em “produção de texto” e “classificação de palavras”, revelando o que são as aulas de gramática em sua escola. Na escola desse aluno também não há prática de leitura, sendo a dissertação o tipo de texto mais trabalhado em aula.

Texto 4

A importância da leitura e escrita nas aulas de Língua Portuguesa é importante e fundamental, pois é o que levaremos para nossa vida. Contudo sabemos que o método ensino-aprendizagem feito, principalmente nas escolas públicas é outro, pois só nos ensinam gramática e não há nenhum tempo reservado para literatura.

Sabe-se que a falha ocorrida não é culpa somente dos professor, pois eles possuem um currículo mínimo estabelecido pelo governo à cumprir, e a indisciplina da turma, juntamente com o desinteresse de alguns alunos dificulta ainda mais a situação de aprendizagem.

Sabemos também que as aulas de português, não é nenhum pouco interativa, pois a matéria dada não nos agrada e os professores são “chatos”.

O quarto texto mostra-se mais elaborado, embora apresente alguns erros gramaticais. O aluno critica a metodologia de ensino das escolas e as aulas de língua portuguesa que “só ensinam gramática” e não interativas e apesar de criticar os professores, não atribui a eles toda a culpa pelas falhas no ensino. Esse aluno faz uma análise da educação que recebe

e, apesar de não haver prática de leitura e produção de texto na escola, percebemos, através de sua escrita, o seu potencial discursivo.

5. *Considerações finais*

Através da leitura e análise dos textos escritos pelos alunos, concluímos que eles têm o que dizer e querem dizer. Então, por que será que a escola não dá oportunidades para que eles digam o que pensam? Por que as aulas de língua portuguesa calam essas vozes?

Vimos que há uma enorme lacuna entre as teorias presentes tanto nos PCN, quanto em diversos livros de pedagogia, e o que encontramos nas salas de aula. Reconhecemos que são muitas as dificuldades enfrentadas diariamente pelo professor, como falta de recursos materiais, turmas muito cheias, deficiência em sua própria formação, mas acreditamos que

no interior das contradições que se presentificam na prática efetiva de sala de aula, poderemos buscar um espaço de atuação profissional em que se delineie um fazer agora, na escola que temos, alguma coisa que nos aproxime da escola que queremos, mas que depende de determinantes externos aos limites da ação e na própria escola (GERALDI, 2003, p. 40).

É preciso repensar a prática em sala de aula tanto no que se refere a metodologias de ensino quanto ao conteúdo que se tem trabalhado a fim de tornar as aulas mais prazerosas e produtivas de língua portuguesa, fazendo valer o ensino da língua com toda a sua diversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Villaça. *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 2002.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino*. Exercícios de militância e divulgação. Campinas: ALB; Mercado das Letras, 2002.

_____. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. Parâmetros curriculares nacionais, linguística textual e ensino de línguas. *Revista do GELNE*. Fortaleza, v. 4, n.1, 2002.

_____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. & ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever. Estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MEC. *Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: 1998.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: 2000.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Trad.: Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

PORTO, Márcia. *Um diálogo entre os gêneros textuais*. Curitiba: Aymará, 2009.

VISIOLI, Angela Cristina Calciolari. *Política de ensino de língua portuguesa e prática docente*. Maringá, 2004. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Estadual de Maringá.

ANEXO

PESQUISA SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO NA ESCOLA

Curso: _____ () escola pública () escola particular
_____ ensino médio () completo () cursando

1- Você gosta de ler? _____ () sim () não

2- O que você costuma ler? () livros () revistas () gibis () jornais () blogs e textos na internet () não costumo ler

3- Quantos livros não didáticos são trabalhados em classe, em média, durante o ano letivo? _____ () nenhum () 1 a 2 () 3 a 4 () outros

4- Analisando sua escrita, você diria que ela é: _____
_____ () ruim () razoável () boa () ótima

5 - Nas aulas de língua portuguesa em sua escola, há (havia) um tempo reservado especificamente para a produção de texto? _____
_____ () não () sim, 1 vez por mês () sim, 1 vez por semana () outros

6 - Qual o tipo textual mais trabalhado nas aulas de português?
_____ () dissertação () narração () descrição

7- Durante o ano letivo, são textos produzidos pelos alunos: _____
_____ () carta () convite () conto () poesia () outros

8 - Muitos professores se queixam de problemas que dificultam a realização das aulas de produção de texto na escola. De acordo com sua opinião e sua experiência como aluno, classifique cada dificuldade numa escala de 0 (caso não exista) a 5.

A	Falta de recursos materiais	
B	Pouco tempo, por parte dos professores, para corrigir os textos produzidos	
C	Deficiência na formação do professor para atuar nesta área	
D	Desinteresse dos professores de língua portuguesa	
E	Indisciplina da turma	
F	Desinteresse dos alunos	